

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

FERNANDA CONCEIÇÃO MATOS

**LAZER NOS PIMENTAS: Estudo sobre as formas de
apropriação do espaço público em um bairro “periférico”.**

GUARULHOS

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

FERNANDA CONCEIÇÃO MATOS

**LAZER NOS PIMENTAS: Estudo sobre as formas de
apropriação do espaço público em um bairro “periférico”.**

Trabalho de conclusão de curso à Universidade
Federal de São Paulo como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em Ciências
Sociais. Orientadora: Andrea Barbosa.

Guarulhos

2011

Matos, Fernanda Conceição

LAZER NOS PIMENTAS: Estudo sobre as formas de apropriação do espaço público em um bairro “periférico”. Fernanda Conceição Matos. – Guarulhos, 2011. 50 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2011.

Orientadora: Andrea Cláudia Miguel Marques Barbosa

Título em inglês: Leisure in Pimentas: Study about the appropriation forms of the public space in a “peripheral” neighborhood.

1. Juventude 2. Lazer 3. Periferia 4. Guarulhos I. Título

FERNANDA CONCEIÇÃO MATOS

**LAZER NOS PIMENTAS: Estudo sobre as formas de
apropriação do espaço público em um bairro “periférico”.**

Guarulhos, ____ , _____ de 2011.

Prof^a Dra. Andrea Cláudia Miguel Marques Barbosa

Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. José Carlos Gomes Silva

Universidade Federal de São Paulo

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta uma análise das práticas de lazer no contexto do espaço público em um bairro “periférico” de Guarulhos - o Pimentas. Busquei compreender como um grupo de jovens moradores desse bairro constrói práticas de lazer, avalia o encontro, a troca e as relações de sociabilidade que se dão no uso e na apropriação dos espaços públicos. O grupo de jovens que elegi como interlocutores se reúne em torno de uma prática de lazer privilegiada: os bailes funks. Para seus integrantes, o baile, que acontece nas ruas do bairro, é um momento de encontro e construção de sociabilidades, produzindo espaços de lazer na “periferia”, onde, muitas vezes, os lugares de diversão são escassos. Neste espaço, as manifestações de lazer ganham sentidos que vão sendo tecidos pelas semelhanças e diferenças entre os sujeitos e, portanto, produzindo identidades.

Palavras-chave

Juventude, lazer, Guarulhos, periferia.

ABSTRAT

This monograph presents an analysis of leisure activities in the context of a so called “peripheral” neighborhood of Guarulhos (*Pimentas*). I sought to understand how a group of young dwellers of this neighborhood create leisure activities, evaluate the encounter, the exchange and the sociability relationships that occur while using and appropriating the public spaces. The group of youngsters I took as speakers gather around a privileged activity: the funk balls. For its components, the ball, that takes place on the very streets of the neighborhood, is a moment of encounter and sociability creation, producing leisure spaces in the outskirts of the city, where many times the entertainment places are scarce. In these spaces, the leisure manifestations acquire meanings that are being weaved by the resemblances and differences between the subjects and, therefore, producing identities.

Keywords

Youth, leisure, Guarulhos, periphery.

*À amiga e companheira de
luta Bárbara Sá (Babi).*

AGRADECIMENTOS

Foi acreditando e buscando a realização de um sonho, hoje realizado, chegou o momento de agradecer, mesmo que singelamente, as pessoas maravilhosas que acompanharam todo este processo e que me fizeram sorrir, acreditar, crescer e a semear que mais sonhos como este possam ser realizados.

Agradeço a todos os professores que tive a oportunidade de compartilhar conhecimentos, angústias e realizações. Que me ajudaram direta ou indiretamente, na minha formação acadêmica e pessoal. E em especial, agradecer a Maria Oliveira, uma pessoa de imensurável ternura, sem sua compreensão, ter cursado Ciências Sociais na Unifesp teria sido apenas um sonho.

Agradeço imensamente a Professora Andrea, pela paciência, compreensão, confiança, força e alegria de cada dia. É minha grande inspiração para meus primeiros e pequenos passos de antropóloga. A amizade e carinho nas ações que envolveram o processo de construção deste trabalho e outros que tivemos a oportunidade de compartilhar foram fundamentais para minha formação, pois aprendi que a razão nos guia, mas é o coração quem decide tudo. Sou muito grata também aos grandes amigos do VISURB pelos conhecimentos compartilhados.

A eterna amiga Bárbara Sá, em que sua ausência causa dor, suas palavras alegrias, sua força admiração, sua história saudade. Parte em mim era você. Sua presença na minha vida me fez crescer, ter força, acreditar, lutar e aprender o sentido de uma verdadeira amizade. Talvez meu sorriso, não encontre a felicidade que tinha quando a sua companhia ainda me rodeava, nem mesmos nossos inúmeros projetos tenham a mesma beleza e magia, talvez meu coração não sinta mais a imensa alegria que tinha durante as nossas conversas demoradas, mas enquanto tiver força para lutar, continuarei tudo como você me ensinou. “Sou formiga ou sou veado?”. Precisei de muita força e coragem para terminar este trabalho e as amizades por você (Babi) deixadas a mim foram fundamentais para isto.

A amiga Ana Lídia, que tantas vezes chorou comigo e que foi parte fundamental para a conclusão deste trabalho, somente um forte abraço expressara a minha eterna gratidão, carinho e amizade.

Com o mesmo carinho agradeço a Fran, Fernandissima, Sarah, Clarissa, Jessica, Paulinha, Léo (Moribundo), Stoner, Kazuo e a Lucinete pelo apoio a todo trabalho de pesquisa e de conclusão de curso, como também aos amigos Willians, Silvio, Verena, Luis (Sabesp), Thais, Henrique (Peixe), Paulo, Kátia pelas longas conversas durante o curso que me fizeram aprender muito e tornaram meus dias na universidade mais alegres.

Agradeço também, meus interlocutores que me acompanharam pacientemente em cada baile funk nas ruas do Pimentas. Que me ligavam altas horas da noite, dizendo “vem pra cá”. Que dividiram as alegrias e as angústias de todo o trabalho de campo comigo. Pessoas maravilhosas. Obrigada!

Nada, nem a possibilidade de alimentar sonhos seria possível sem o carinho e os ensinamentos dos meus pais. Minha mãe, Dona Margarida, que sem suas broncas, sua preocupação, sem nossos minutos de conversas diárias que me ensinariam tanta coisa foram fundamentais. Uma mulher tão simples e batalhadora, que apresenta sua alegria timidamente e sempre me incentivou a estudar, sem dizer uma palavra, somente com gestos que fizeram toda a diferença. Ao Sr. Antonio, um homem encantador, sempre com muita doçura, acompanhou cada passo desta formação com muita preocupação e carinho. Ensinou-me a ver nas coisas mais simples o verdadeiro sentido da vida e nas coisas mais difíceis, sempre encontrar um caminho a seguir. Não há nada que represente tamanha intensidade para exemplificar tamanho amor que tenho por vocês.

Dentro de uma família tão grande e querida, não poderia deixar de agradecer as imensas gargalhadas proporcionadas pelos meus queridos sobrinhos, que com muito respeito, sempre me perguntavam se era momento de brincar ou de ficar quietos para que eu realizasse meus “trabalhos”. O trabalho poderia ser no computador ou no livro, mas teria que ter um tempinho para brincar e ensiná-los algo novo, momento em que eu também muito aprendo. E agradecer em especial aos meus irmãos Thiago, Fabiana e Flaviana.

Não posso deixar de agradecer meus tios e tias pelo apoio, principalmente a tia Edna e meu primo Fabinho por toda a admiração e carinho. Por sempre me apoiarem e me acompanharem nas imensas correrias dos trabalhos.

Agradeço imensamente meus grandes amigos do Cursinho Comunitário Pimentas, no qual dedico desde 2005 a luta por justiça social e que a cada ano as pessoas se tornam mais especiais na minha vida. Em especial ao grande amigo Adilson, pelas longas caminhadas pelo bairro para chegar até a minha casa e principalmente as paradas na barraquinha de batata frita.

Agradeço a amizade dos “compas” Heber, Ligia, Darlan e Rogério, ombros amigos que sempre encontro um sorriso e que me ensinam muito a cada dia, fazem-me acreditar que um mundo cheio de alegria, solidariedade, honestidade, paixão e respeito é possível quando se vai à luta.

E em especial, agradeço, a uma pessoa que acompanha de perto minhas alegrias, angústias, tristezas e realizações. Que tem a magia de me proporcionar uma grande paz e de resolver todas as minhas atrapalhadas. Que tumultua meu coração a cada novo encontro, fazendo com que tudo que se acredite possa ser possível acontecer. Arcelino Neto, obrigada!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO DA REGIÃO ESTUDADA	17
I - O Bairro dos Pimentas	17
CAPÍTULO II - LAZER E JUVENTUDE NOS PIMENTAS.....	19
I - Aprendizados de lazer ou desfrute do tempo livre?	19
II - Que juventude(s) é essa?.....	23
CAPÍTULO III - O FUNK	26
I - O início do baile	28
II - O baile da Guaraniaçu.....	31
III - Fotografia como relação	35
IV - Festa e criminalidade.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
BIBLIOGRAFIA	45
ANEXOS	49
Anexo A – Letra da música “Novinha” do MC Martinho.....	49
Anexo B – Letra da Música “O Pente Escondido” do grupo funk Os Hawaianos.....	50

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: – Representação cartográfica: Bairro dos Pimentas.....	21
Figura 2 – Logo da Equipe “Agora é nós”.....	26
Figura 3 – Barraca de bebidas.....	32
Figura 4 – Praça do Conjunto Marcos Freire.....	34
Figura 5 – Conferência Municipal da Juventude.....	42

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso teve início a partir da minha pesquisa de iniciação científica vinculada a minha participação no VISURB – Grupo de Estudos Visuais e Urbanos da UNIFESP. Este grupo de pesquisa (formado por alunos da graduação, pós-graduação, professores do curso e pesquisadores colaboradores de outras instituições) dedica-se às discussões teórico-metodológicas acerca da pesquisa etnográfica urbana e visual, nas quais também discutimos periodicamente as propostas de trabalhos individuais e realizamos exercícios etnográficos na cidade de Guarulhos e São Paulo.

Foi também no âmbito do VISURB que participei como bolsista do Projeto de Extensão “Pimentas nos olhos não é refresco”, que tem como proposta realizar oficinas fotográficas com grupos de jovens estudantes moradores do bairro. A oficina centra-se na realização de ensaios sobre temas relativos à vida na região dos Pimentas. Nelas foram discutidas também as nossas expectativas e estranhamentos, isto é, nossa “cidade de imagens”. Foi a partir dessa experiência que a ideia da pesquisa sobre o lazer juvenil nos Pimentas, foi gestada.

As oficinas fotográficas realizadas pelo VISURB (2009 – 2011) foram destinadas à juventude do bairro dos Pimentas, envolvendo vários atores em sua realização, dentre eles os próprios jovens de escolas locais da região ou estudantes do Cursinho Comunitário Pimentas, grande parceiro do grupo de pesquisa. As imagens produzidas nos ensaios fotográficos “Pimentas nos olhos não é Refresco” propiciaram perceber diferentes “visões de mundo”, seja desses jovens que moram no bairro, ou dos estudantes da Unifesp, onde muitos produzem o olhar de quem é de fora. Minha participação nas quatro edições da oficina me ajudou a questionar sobre assuntos que passavam despercebidos no bairro, e o lazer foi um dos temas que mais me chamou atenção.

A partir da análise das imagens produzidas por esses jovens acerca do que representa a região por eles habitada, bem como a experiência de viver no Bairro dos Pimentas desde meus doze anos de idade, trouxeram-me questionamentos sobre a ocupação do tempo livre da juventude presente nesse espaço urbano. Ainda mais pelo fato do Pimentas ser considerado um bairro “periférico” da cidade de Guarulhos, onde costumeiramente se ouve que a periferia

é marcada por ausências: como falta de estrutura habitacional, de saneamento básico, ou nesse caso, da ausência de equipamentos de lazer.

Neste contexto, o tema lazer, assim como os temas relacionados à política, por exemplo, passará a ser compreendido como uma nova ferramenta que pode nos fazer compreender um pouco mais sobre a dimensão social desses jovens com o mundo onde vivem e o que desejariam viver. A pesquisa de Bárbara Sá (2010) sobre o bairro dos Pimentas, apresentou novos caminhos para se entender o que é o bairro hoje a partir das construções vividas e simbólicas dos moradores do bairro e nos deu importantes pistas para compreender como se dá a configuração dessa juventude moradora do bairro.

É preciso ir além do discurso imediato do “não tem nada”, aliás, ele mesmo aponta certos paradoxos, pois por um lado mostra a precariedade e ausência de infra-estrutura urbana que é enfrentada nos bairros pobres, mas por outro lado acaba desvalorizando as estratégias de vida construídas por seus habitantes. É preciso problematizar essas narrativas e visões estereotipadas dos bairros periféricos, afinal será mesmo que não existe “coisa pra fazer”? E como vivem os moradores do Pimentas, de casa para o trabalho e do trabalho para casa apenas? (Sá. 2010: 18).

Partindo desta reflexão, passei a buscar com a iniciação científica identificar as práticas de lazer realizadas no contexto urbano entre grupos de jovens moradores do bairro dito “periférico” da cidade de Guarulhos: o Pimentas. Para isso, foi necessário realizar um mapeamento das atividades de lazer realizadas pela juventude. Andar pelos diferentes lugares do Pimentas, principalmente nos fins de semana é algo impressionante, sobretudo se for um dia ensolarado. A agitação pelas ruas é tamanha. Muitas crianças brincam pelas calçadas, o colorido das roupas no varal, aumentam a imagem de alegria que as cenas do cotidiano apresentam. As bicicletas, bolas e pipas contornam as lajes, ruas e praças. A cada rua se ouve um som, uma música diferente. É simplesmente encantador a um olhar antropológico. O que é classificado como perigoso ou violento, perde seu sentido. Talvez esse dado fique mais evidente, quando se olha para as casas, cada uma com um portão enorme, cheia de grades e altos muros, elemento comum também em bairros nobres da cidade.

Diante das inúmeras referências que me rodeiam, o que chamou minha atenção foram as manifestações de lazer que transcorrem durante a noite, que também foram meus destinos nos fins de semanas etnográficos pelo bairro. Grupos de jovens participantes de Equipes de Som que se apropriam dos espaços públicos do bairro para realizar “bailes funk” aos fins de

semana passaram a guiar meu olhar, sendo eles provocados por muitos questionamentos e curiosidades.

A idéia veio à tona quando voltava da faculdade em uma sexta-feira à noite vi uma movimentação diferente, por volta das 23h, ao passar pela Avenida Guaraniçu, localizada no Jardim Brasil, próximo a minha casa. Neste dia, pude observar um grande movimento de carros com inscrições das chamadas equipes na parte traseira do veículo e alguns comerciantes ambulantes se aproximando do local. Segundo relatos de algumas pessoas que estavam dentro do ônibus, àquela movimentação era a preparação para um “baile funk” na rua.

Fui caminhando até em casa e imaginando como aquele local era apropriado pelos jovens a partir de uma perspectiva de lazer e entretenimento. Naquela noite, não consegui dormir, pois o volume das músicas estava tão alto que dava para escutar da minha casa. Quando os jovens se aglomeram nas ruas, onde os carros deveriam ter passagem, o sentido que se atribui ao seu uso se ressignifica. As ruas ganham outro status agora com os carros de sons das equipes do baile.

A partir daquele dia comecei a prestar a atenção em como o funk estava presente no cotidiano de alguns jovens no bairro. No ônibus, algumas vezes, os encontrei com o celular ouvindo o estilo musical. Outros se preparavam em suas próprias casas tocando as músicas. Até quando realizei o estágio para a licenciatura nas escolas públicas da região, percebi o quanto o ritmo está presente, seja durante o intervalo ou nas próprias salas de aula.

Contudo, mesmo morando no bairro, não sou ouvinte de funk, tampouco sou integrada às redes de sociabilidade desenvolvidas pelos grupos pesquisados. Até o momento do início da pesquisa, minha percepção acerca dos “funqueiros” se baseava em ideias preconceituosas e até mesmo desrespeitosas com essa prática cultural. No entanto, compreender o que envolve essas manifestações é também pensar em troca e em construção de experiências comuns, isto é, tentar compreender as formas de sociabilidade desenvolvidas naquele meio seria um desafio e um grande aprendizado antropológico.

Adentrar neste mundo tão próximo de um morador da periferia, sendo moradora desta “periferia”, como é o meu caso, aparentemente parece uma tarefa simples, mas não foi uma tarefa fácil. Ser moradora do bairro e em alguns casos ser reconhecida pelas pessoas nos bailes, às vezes gerava um pouco de desconforto no campo. Pois o interesse deles parecia ser

maior em saber o que eu fazia por lá, em vez de simplesmente me deixarem lá para observar. Eu provocava curiosidade (e acredito preconceito) assim como eles me provocavam.

É importante ressaltar que nada foi fácil, pois explicações sempre me foram solicitadas devido a minha presença. No entanto, quando levei minha máquina fotográfica, parece-me que uma porta foi aberta. Mesmo sendo questionada em alguns momentos pelo uso dela, sempre com alguns olhares desconfiados a minha volta, os jovens me solicitavam para tirar fotos deles. Assim, virei à “fotógrafa” dos bailes, possibilitando pensar as práticas dos bailes funks a partir de outra linguagem: a imagem. Não me sentia a vontade para fotografar tudo, mesmo porque fui impedida de fotografar algumas vezes. Mas, percebi o quanto a imagem estava presente e era um elemento constitutivo dessa prática. Deste modo, iniciei outra parte do projeto a partir da realização de um ensaio fotográfico sobre os eventos¹.

Nos bailes, pude evidenciar questões que envolveram o conceito de sociabilidade entendido como um processo de interação das ações cotidianas, como uma ação importante para as relações sociais, a troca de experiências, ideias e gostos. Os bailes do bairro estudado mostram como o cenário urbano é muito mais do que um emaranhado de concretos, casas e prédios, pois o espaço urbano é cotidianamente re-significado.

A pesquisa de campo esteve vinculada a ensaios fotográficos, na perspectiva de que as imagens possibilitaram a criação de vínculos com os interlocutores e como forma de reflexão sobre como o espaço urbano se torna espaço de sociabilidade.

Com a máquina fotográfica na mão, pude ter acesso a “várias rodinhas” de amigos das quais tive dificuldade no início da pesquisa. Pude conhecer um pouco mais do que acompanhar somente “do outro lado” da rua. Assim, fotografando os grupos, o baile, as pessoas nas calçadas, dançando e cantando, passei a conhecer um pouco mais do mundo desses jovens a partir da perspectiva da prática de lazer que eles construía e usufruíam.

¹ Devido a problemas técnicos com o computador utilizado para armazenar todas as informações da pesquisa, perdi todo o ensaio fotográfico realizado no período de meu trabalho de campo. Perco muito em não poder publicar as fotografias, pois elas fizeram parte fundamental para toda a construção e desenvolvimento do processo de trabalho de pesquisa. Nesta pesquisa, as imagens me ajudaram na intervenção com meus interlocutores, tirou-me do papel de pesquisadora, para também me incluir no universo “funk”. Foi uma estratégia de inserção no campo, pude conhecer melhor e ter mais acesso “de perto” as interações e trocas do grupo juvenil estudado. No entanto, consegui recuperar pouquíssimas que mesmo como todo o problema ocorrido, farão parte deste trabalho.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO DA REGIÃO ESTUDADA

I - O Bairro dos Pimentas

Com sua origem político-administrativa no século XVI, o município Conceição dos Guarulhos, que desde 1906 passou a chamar somente Guarulhos é a cidade em que resido e na qual realizo minha pesquisa. Atualmente, é a segunda maior cidade do Estado, a segunda cidade mais populosa de São Paulo e a décima segunda do Brasil. É a maior cidade não-capital e a nona economia do país, com uma população de 1.221, 979, segundo o Censo de 2010. Com a maior população da cidade, aproximadamente 400 mil pessoas, meu trabalho se realiza na região considerada periférica da cidade de Guarulhos, o Pimentas.

Carlos José Ferreira dos Santos (2006), alerta que Guarulhos não se constituiu como um lugar, mas como vários lugares. No prefácio do seu livro Maria Irene Szmrecsanyi apresenta um pouco de suas indagações sobre Guarulhos.

A história de Guarulhos mostra sua fragmentação espacial, social e cultural iniciando-se há séculos. A ocupação urbana do espaço guarulhense hoje foi brotando em diferentes pontos desse território, com núcleos construídos distanciadamente e com um centro comercial e administrativo sem predominância nítida. Alguns bairros se ligaram mais à cidade de São Paulo do que a esse centro. A outros foi permitindo manter-se mais ou menos à parte como focos da religiosidade popular, resguardando tradições próprias (SZMRECSANYI, In: Santos, 2006: 14).

Guarulhos é subdividido em 46 distritos. O Pimentas é um deles, uma região administrativa que contempla vários bairros e pelo discurso nativo, os moradores que residem de um lado da Rodovia Presidente Dutra são moradores do distrito Pimentas e do outro, moradores do distrito Presidente Dutra. Há, no Pimentas, bairros como Jardim Leblon, Jardim Centenário, Parque Jurema e Parque Alvorada, Sítio São Francisco, entre outros.

No imaginário dos moradores de outras regiões de Guarulhos há alguns anos era apresentado como um distrito muito perigoso por conta da violência. No entanto, esse imaginário ainda não mudou muito. Há nove anos, quando completei dezesseis anos, fui tirar os documentos para procurar o primeiro emprego, e me lembro que todos os amigos que já trabalhavam sempre me alertaram para que eu não incluísse e não dissesse a ninguém que morava no “bairro dos Pimentas”, senão, não conseguiria trabalho.

Segundo, Santos (2006), a cidade de Guarulhos, devido ao seu quadro de rápidas transformações econômicas, sofreu grandes mudanças nos últimos trinta anos, em razão do investimento e da vinda de muitas empresas para a cidade, bem como o maior empreendimento que é o aeroporto, o que fez a cidade introduzir características de cidade industrial e periférica metropolitana.

O Bairro dos Pimentas é uma região destacada na cidade como periférica de Guarulhos e em alguns casos periférica de São Paulo, principalmente por sua distância da região central de Guarulhos e a proximidade com São Miguel Paulista, bairro da região leste de São Paulo, e pelas características de sua formação urbana, não muito distinta de outras localidades também tidas como periféricas.

No entanto o bairro dos Pimentas vem sofrendo ao longo dos últimos anos, uma crescente transformação urbana. Em um piscar de olhos, as coisas mudam de lugar, novos investimentos imobiliários são anunciados, bancos e comércio surgem, bem como um crescente aumento da população no bairro. Mesmo em regiões mais afastadas dos empreendimentos do bairro – como o Hospital Municipal, o Shopping Bonsucesso e o campus da Universidade Federal de São Paulo (ambos localizados muito próximos um do outro) e às proximidades do acesso à Rodovia Presidente Dutra – as casas se alteram, vão ganhando grandes portões de ferro, os famosos “puxadinhos” aumentam e as pessoas chegam de diferentes locais para o bairro, além do enorme contingente de prédios e condomínios que vem sendo construídos na região.

Segundo os dados estatísticos, divulgados pela Secretaria de Assistência Social do município no Plano Municipal de Assistência Social 2009 a 2012, os bairros nos quais realizei minha pesquisa, que fazem parte do distrito Pimentas, situam-se na classificação “precária” na categoria “Educação, cultura, esporte e lazer”. No entanto, a intenção do trabalho não é caracterizar a falta ou a ausência, que são presentes no bairro, mas o uso e a apropriação criativa do que se tem, e como o que se tem pode ser muito a partir de um olhar de dentro e de perto.

CAPÍTULO II

LAZER E JUVENTUDE NOS PIMENTAS

I - Aprendizados de lazer ou desfrute do tempo livre?

Pensar em estudar lazer na periferia pode causar “estranhamento”, pois nas falas sobre lazer em um bairro periférico, até mesmo nas dos próprios moradores, esse é um lugar onde não há espaços para o “lazer”. Nesse sentido, Magnani nos ajuda a refletir sobre a problemática à partir de sua própria pesquisa no final dos anos de 1970 em bairros populares de São Paulo,

[...] à época, auge para pensar os movimentos sociais urbanos, uma pesquisa sobre lazer era vista quase como diletantismo, pois se considerava que há coisas mais importantes a tratar como o mundo do trabalho ou da política, por exemplo. Estudar o tempo livre? E mais, justamente entre os moradores de bairros da periferia onde tal palavra parecia desprovida de qualquer sentido diante das necessidades mais urgentes da vida cotidiana (MAGNANI, 2003:11).

Compartilhando essa inquietação, propus-me a realizar a pesquisa sobre o lazer dos jovens moradores do Bairro dos Pimentas na cidade de Guarulhos. Como se apropriam do tempo livre? Pois, esse fator cultural, (o lazer), como também fatores relacionados à política e ao trabalho podem nos fornecer um pouco mais de dados que nos possibilite compreender a dimensão social desses jovens com o mundo.

Nobert Elias e Dunning (2000) apresentam a discussão sobre lazer e tempo livre na sociedade moderna, denominando o lazer com um espectro do tempo livre. Para facilitar a compreensão e diminuir a confusão que existe sobre os termos sociológicos, os autores elencam um esquema de classificação que permita perceber a diferença entre os termos.

“O espectro do Tempo Livre
 Rotinas do tempo livre, subdividido em:
 Provisão rotineira das necessidades biológicas.
 Rotinas familiares e rotinas com a casa.
 Atividades de tempo livre que servem principalmente para satisfazer necessidades de formação e/ou também auto-satisfação e auto-desenvolvimento, subdivididas em: trabalho particular voluntário, trabalho particular para si próprio, “hobbies”, atividades religiosas, leituras.
 Atividades de lazer, subdivididas em:
 Atividades puras ou simplesmente sociáveis: uma nova divisão
 A1. Participar como convidado em reuniões formais.
 A2. Participar em lazer comunitário, relativamente informal.
 Atividades de jogo ou miméticas. Subdivididas em:
 B1. Participar de atividades miméticas de elevado nível organizativas; jogos de futebol.
 B2. Participar como espectador em atividades miméticas bastante organizadas; ver futebol.
 B3. Participar em atividades miméticas menos organizadas; danças, montanhismos.
 Miscelânea de atividades de lazer menos especializada: viajar nos feriados, comer fora, passeio a pé²”.

Nesse caso, as atividades de lazer e tempo livre se complementam. Mas as atividades de tempo livre, em alguns casos, não são consideradas atividades de lazer. Todavia não tinham a intenção de uma classificação absoluta e concreta, buscavam apenas a possibilidades de novas reflexões sobre o tema.

Nesse sentido, o trabalho de campo favoreceu muito a busca de uma maneira de refletir sobre a juventude e seu lazer, principalmente em bairros ditos periféricos. Iniciei a pesquisa, mapeando os lugares do bairro nos quais ocorreram, à partir das falas de alguns moradores, as práticas juvenis de lazer “fora de casa”. Classifico como fora de casa, pois muitas das atividades realizadas no tempo livre dos moradores, que pude acompanhar durante a pesquisa, são realizadas “dentro casa”. Todo o tempo fora do trabalho é direcionado às atividades como cuidar da casa, fazer um churrasco na laje com os amigos, assistir aos jogos de futebol, entre outros. Não que em alguns casos, estas atividades também não possam ser consideradas atividades de lazer dos moradores. Porém o que buscava para a pesquisa era uma prática que fosse realizada, fora de casa; longe dos olhos dos pais e dos vizinhos, lugar onde as emoções são explicitadas, de modo que não são liberadas no trabalho ou em casa, devido aos olhares vigilantes e repreensivos dos parentes mais próximos.

² Síntese presente em *A teoria do Lazer de Nobert Elias: Primeiras aproximações de Alana Mara Alves Gonçalves, Maria Dalvani Gonçalves de Oliveira, Joicyellen Saraiva de Souza- URCA.*

No recorte do meu campo de pesquisa, escolhi três Bairros que integram o Pimentas: nomeados Jardim Brasil, Parque Jurema e Marcos Freire. Ao longo do trabalho de campo, as práticas juvenis de lazer – no caso o funk – levaram-me a conhecer alguns lugares nos Pimentas que não faziam parte de meus trajetos cotidianos e, muitas vezes eram desconhecidos, como é o caso do Jardim Guilhermino.

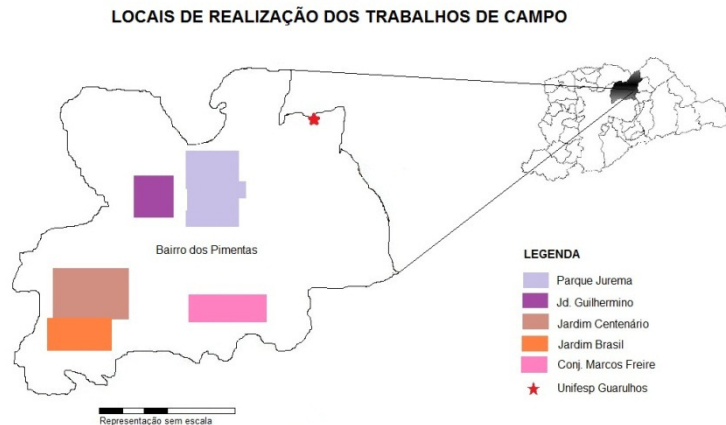


Figura 1 – Representação cartográfica: Bairro dos Pimentas

O trabalho de campo teve início no Jardim Brasil, bairro em que resido. Logo em seguida, passei a observar o Parque Jurema, uma região mais próxima ao campus da UNIFESP, e que vem mudando rapidamente seu espaço urbano, cada dia surge um novo estabelecimento comercial, como bares, lanchonetes e restaurantes. Por fim, o Marcos Freire, local onde há apropriação constante de uma praça central pelos jovens, com usos bem diferenciados e diversificados.

Buscava nesses espaços compreender nas redes de sociabilidade configuradas, as relações de identidades e alteridades construídas no e com o local, a partir das apropriações dos espaços públicos feitos pelos jovens dos diferentes bairros que compõem a região dos Pimentas.

Durante minha busca, encontrei grupos de jovens evangélicos, católicos, grupos que se agrupam todos os fins de semana para jogar futebol, outros que se reúnem no shopping com diferentes estilos musicais, nos bares da Avenida Jurema (importante Avenida do Parque Jurema), nas lajes ou nos portões de suas casas. No entanto, o que mais me chamou a atenção foram os grupos de jovens funqueiros. Em nenhum momento da pesquisa eles se denominavam funqueiros, porque gostavam de outros estilos músicas, e mesmo no baile,

havia noites em que denominavam o dia do *pagofunk*, (o que muito acontecia no Conjunto Marcos Freire). Eram selecionadas músicas de pagode e de funk para tocar a noite toda. Gostavam mesmo era de organizar os bailes para encontrar os amigos e realizar paqueras, como uma simples forma de diversão, ou seja, de lazer e não necessariamente só tocavam músicas funk.

Na maioria das apresentações que fiz deste trabalho em congressos e encontros científicos durante a pesquisa, a expressão mais presente nos comentários era sobre o funk ser “polêmico”. Vejo vários motivos para isso e toda uma série de conflitos que a prática funk envolve me parecia um deles. Conflito entre quem aprecia e quem não parecia o gênero musical, conflito entre gerações, conflito entre moradores não praticantes e os que ocupavam as ruas para praticá-lo. Mas apesar de tantos conflitos, constatei ser o funk uma prática corrente entre muitos moradores, o que não quer dizer que é necessariamente a única forma de lazer que eles têm. Os espaços para o baile funk é uma das possibilidades criadas por eles, mediante a utilização do espaço público, no qual não “pagam” nada para estarem no baile e se divertem, como se estivessem em um local fechado, com seguranças e cobrança de entrada.

Tentando refletir um pouco a partir da teoria de Processo Civilizador de Nobeit Elias, sobre o autocontrole que está presente nos indivíduos, é na esfera pública, constituída pelo poder de coerção da sociedade, que podemos notar como o indivíduo controla suas emoções, caracteriza sua personalidade. O autor considera o lazer um momento de esquecer o “autocontrole” e liberar sensações agradáveis que geralmente não são produzidas na vida rotineira.

Neste sentido, podemos pensar o “Funk” das ruas do bairro dos Pimentas como uma prática de lazer (descontrole das emoções) que desafia o tempo todo o controle das emoções requisitado pela sociedade em ambientes públicos. O espaço público da rua não deixa de ser um espaço privilegiado para a construção de sociabilidades, mas é nele também, nos momentos do baile que se pode observar a liberação das emoções ao dançar e cantar o que nem sempre é “lido” como uma atitude sociável por outros grupos de moradores.

Nesse caso, os jovens protagonizariam os bailes funks na rua com outras formas de sociabilidade, o que nem sempre está em diálogo com o espaço público que carrega valores morais da sociedade, uma vez que não se tem a rua como um espaço que se possibilita o descontrole. Assim, é necessário problematizar o que é e o que pode ser o espaço da rua. Um local restrito para passagem de veículos ou ele pode ser re-significado e ganhar um ar de danceteria?

Segundo Marcelino (2008), ao existir a necessidade de democratizar o lazer, logo também irá existir a necessidade de democratizar os espaços, pois para caracterizar o lazer é importante tempo disponível que corresponda a um espaço disponível. Se formos pensar na necessidade de lazer para a população é necessário que o seu espaço seja o espaço público. No entanto, o que é pensado para o espaço público pelas autoridades políticas são atividades que não dão conta do anseio dos moradores.

Como nos ajuda a pensar Joffre Dumazedier (2008), é fundamental entender que neste espaço de convivência (penso aqui o bairro), as manifestações de cultura popular e lazer ganham sentidos que vão sendo tecidos pelas semelhanças e diferenças entre os sujeitos. Tentarei apresentar os bailes funks que ocorrem nas ruas.

II - Que juventude(s) é essa?

Antes de apresentar um pouco dos grupos que compõem os bailes funks de rua é preciso pensar a própria noção de juventude, afinal, além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as próprias transformações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história.

Para Maria Rita Kehl, nos dias atuais é muito difícil classificar quem é jovem, quem pode se considerar jovem ou mesmo o que é juventude. Neste sentido, qual a relevância de se pensar juventude(s) e suas práticas culturais.

O prestígio da juventude é recente. “O Brasil de 1920 era uma paisagem de velhos” escreveu Nelson Rodrigues em uma crônica sobre sua infância na rua Alegre. “Os moços não tinham função, nem destino. A época não suportava a mocidade”. O autor estava se referindo aos sinais de responsabilidade e seriedade que todo moço tinha pressa de ostentar, na primeira metade do século XX. Um homem de 25 anos já portava bigode, a roupa escura e o guarda-chuva necessários para identificá-lo entre os homens de 50, e não entre os rapazes de 18. Homens e mulheres eram mais valorizados ao ingressar na fase produtiva/reprodutiva da vida do que quando ainda habitavam o limbo entre a infância e a vida adulta chamado de juventude ou, como se tornou hábito depois da década de 50 de adolescência. (KEHL, 2004:90).

Nesse sentido, Dayrell (2002) apontará que não há tanto uma juventude e sim juventudes, enquanto sujeitos que experimentam essa condição e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se insere.

Para Helena Abramo (1994), cada grupo de jovens, que leva em consideração o espaço em que está inserido, elege e cria “seus próprios bens culturais”, que se constituem por músicas, estilos de roupas, entre outros. Cada um deles constrói um estilo específico para dialogar com seus pares.

A noção mais geral e usual do termo juventude refere-se a uma faixa de idade que intermedeia a infância e o mundo adulto, etapa em que não se é mais criança, mas que se prepara para o mundo das responsabilidades, isto é, do adulto. Todavia, devemos compreender que essa é uma categoria construída socialmente e como nos inspira a pensar Dayrell (2002), ela ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais (origem de classe, por exemplo), culturais (etnias, identidades religiosas, valores, etc) de gênero e, até mesmo, geográficas, dentre outros aspectos.

Enquanto etapa de transição, a juventude combina inúmeras tensões entre as quais uma é privilegiada nesse trabalho. Trata-se da dicotomia entre casa/família X rua/amigos. Como na nossa sociedade essa transição não é precisa, nem claramente demarcada, ao contrário de outras sociedades que adotam rituais para simbolizar essa “etapa”, o jovem acaba ganhando uma conotação ambígua marcada principalmente pela negatividade. A juventude é vista como etapa difícil e conturbada, de rebeldia, individuação, crises e tensões.

Nesse sentido é preciso repensar essa categoria de juventude na medida em que há uma série de elementos que ajudam a caracterizar esse momento da vida. Outra categoria interessante para pensar essas questões é empreendida por Juarez Dayrell: trata-se da “condição juvenil”. Essa categoria é utilizada na medida em que um jovem da zona rural não tem a mesma significação etária que um jovem da cidade. Assim como Dayrell nos sugere a condição juvenil é mais que a maneira de ser ou situação de alguém perante a vida, ela também se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique sua inserção no mundo.

Dessa maneira, precisamos distinguir duas dimensões imersas nessa ideia, a de que o modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, ou seja, como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. Portanto, a idade se transforma conforme se modifica o jeito de estar

no mundo dos sujeitos. Essa transição pode ainda ser compreendida como um movimento e que permite inúmeras possibilidades e experimentações. Isso também, se dá pela pluralidade de juventudes e de condições juvenis e a “não-linearidade” das transições à vida adulta revela que já não há uma causa/efeito dessas transições.

A música aparece como um elemento importante das culturas juvenis provocando encontros nos quais os jovens criam espaços de sociabilidade que se transformam em territórios culturalmente expressivos de suas identidades.

Os jovens rappers, para Paulo Sérgio do Carmo (2001), por exemplo, se destacaram com uma produção distante da cultura de massa. Apresentam um retrato do Brasil, com críticas sociais através da composição de suas músicas, dos quais apresentam as injustiças e problemas sociais do lado que somente é valorizado pela mídia mediante as questões de violência e marginalização.

Para Dayrell, muitos jovens encontram nas manifestações ligadas à música uma maneira de responder às questões enfrentadas cotidianamente. Sem oportunidade de trabalho e insatisfeitos com a escola que não consegue entender nem responder as demandas que lhes são colocados, os jovens parecem assumir o fato de que não serem capazes de produzir grandes projetos de transformação, e que sua ação genuína só pode ser a de assumir a perplexidade, denunciar o presente e submeter à prova os projetos existentes.

No Pimentas, existem vários grupos de jovens que compõem as Equipes, que são responsáveis por organizar os bailes funks no bairro. Cada grupo tem seus símbolos e “estilo” próprio, vestimentas, músicas e nomes curiosos como “Agora é nós”, “PodePakas”, “SOS”, “Os Brisadinhos”, “As Bonitas” etc . As equipes competem entre si, isto é, quem faz a melhor festa e demarcam seus espaços como ruas e praças que ficam famosas pelos eventos. Dessa forma, os eventos protagonizados por esses jovens são interessantes para pensar alguns aspectos da condição juvenil que experimentam longe dos olhos dos pais (família/casa), mas entre seus pares (amigos/ruas) nos quais seus encontros ao mesmo tempo em que reforçam laços de identidades dos grupos, inscrevem signos de pertencimentos diferenciados ao espaço urbano.



Figura 2 – Logo da Equipe “Agora é nós”.

CAPÍTULO III

O FUNK

O funk surgiu no Brasil em meados dos anos 1970 na cidade do Rio de Janeiro, influenciado pelo ritmo soul, que nos EUA era a expressão cultural do movimento negro americano que lutava pelo reconhecimento de sua cidadania. Os primeiros bailes ocorreram na casa de espetáculo Canecão (zona sul da cidade carioca) e depois se mudaram para a Zona Norte. Esses encontros chegavam a reunir mais de 10 mil jovens e algumas empresas colocavam um sistema de som gigantesco conhecido como “equipes”. Essas “equipes” tinham nomes como “Revolução da Mente”, “Soul Grand Prix” e “Black Power”. (VIANNA: 1988).

A Black Rio, na qual a Soul Grand Prix foi uma das suas precursoras, foi um momento significativo para o orgulho de ser negro e os bailes tinham um papel específico, ou seja, o de destacar a importância do negro na sociedade, pois enquanto o público estava dançando, eram projetados slides com cenas de filmes que discutem essa temática, além de retratos de músicos e esportistas negros nacionais ou internacionais.

Todavia, no final dos anos 70 o movimento funk vivenciava um desprestígio entre seus ouvintes, o que levou a realização dos bailes aos terrenos baldios e espaços públicos. Contudo, sua força numérica teve impacto no mercado de consumo musical, ganhando novamente espaços nas estações de rádio, mas incorporando novos elementos musicais. Com essas novas influências, entre os anos 80, houve uma “redescoberta” dos bailes funk na cidade do Rio de Janeiro que repercutiu nas várias matérias publicadas em jornais e revistas e no reaparecimento do funk em rádios FM (VIANNA: 1988).

As Equipes eram as responsáveis pela organização e sonorização dos bailes. Constituídas por vários sócios, elas possuem diversas funções como: transporte, montagem das caixas de som, amplificadores, toca- discos e luzes, contratação de técnico de som e outros detalhes que fazem com que o baile aconteça. Em algumas equipes o DJ era um dos sócios, em outras vezes era contratado para tocar exclusivamente nas festas da contratante.

Porém, como observou Hermano Vianna (1986), o importante para as equipes era impressionar os dançarinos com suas luzes e amplificadores sofisticados como prova de toda sua “potência”. Além de disputarem a melhor aparelhagem, as equipes também competiam para conseguir em primeira mão os sucessos, que em sua maioria eram importados de Nova York.

No decorrer dos anos 90, os bailes funk cariocas tornaram-se, gradativamente, uma das principais formas de lazer dos jovens pobres da cidade do Rio de Janeiro. Constituindo um privilegiado espaço de trocas, consagração e expressão do movimento Funk, pois é nele que se manifestam os mecanismos de inclusão e exclusão, estabelecendo os laços sociais e as disputas; ou seja, é no baile que se concretiza a adesão (ou não) ao movimento (Rodrigues, 2005: 24).

Alguns estilos foram surgindo ao longo do tempo no ritmo funk, como os “*proibições*”, que possuem uma conotação erótica e criminosa, diferentemente das canções que questionavam as desigualdades sociais e buscavam retratar a realidade das favelas cariocas. Os bailes foram se complexificando e as Equipes passaram também a compor e fazer suas próprias batidas e assim ganharam outros espaços na mídia e muitas ficaram famosas alargando as fronteiras do funk para outras localidades como Guarulhos, cidade onde desenvolvo esse estudo.

Surpreendentemente, os espaços em que o funk, principalmente os chamados “*proibições*” faz muito sucesso, no qual constam milhares de acessos por dia, é na internet. Todo o trabalho musical de produção independente é divulgado por seguidores e até mesmos por integrantes dos grupos, que buscam alcançar fama com o sucesso das músicas. Muitos casos descritos na internet contam que o sucesso de alguns grupos se deu pela divulgação nas mídias sociais de seus trabalhos musicais, pouco ou nada é apresentado na grande mídia televisiva ou nas rádios de funk.

I - O início do baile

As equipes despertaram meu interesse de pesquisa porque são as organizadoras e incentivadoras desta prática de lazer. Notei durante o trabalho de campo que para seus integrantes o baile é um momento de encontro, de troca, ou seja, de sociabilidade.

Algo freqüente é a presença de carros dirigidos por jovens circulando nas ruas do bairro. Mas o carro assume outro papel que não somente transportar de um lado ao outro, é ele também o responsável por exteriorizar certa condição juvenil, ou seja, andar de carro na rua é também mostrar aos outros a música que esse jovem gosta de escutar, pois a altura do som não é somente para si, mas para os outros que estão andando pelas ruas.

Nesse sentido, talvez possamos considerar que o baile funk começa antes do ato de estacionar o carro, ele tem início no preparo para o evento. Depois de dar umas voltas pelas ruas, um jovem estaciona, abre o porta-malas do carro, aumenta o som que já era alto e um grupo de jovens se aproxima do local para começar o baile.

A ocorrência dos bailes é muito dinâmica e somente uma vez consegui acompanhar o início da constituição do baile funk na rua. Estava com os meus interlocutores num carro e fomos pelo bairro buscar uma das festas na rua. Evitei começar meu trabalho de campo, no baile funk, perto da minha residência, porque encontraria muitos conhecidos do período escolar ou mesmo vizinhos que me causariam algum constrangimento, no entanto, tudo me fez voltar e encará-lo de frente.

Estacionamos o carro próximo à lanchonete mais movimentada da rua e em alguns minutos dois carros de amigos de João³, colega da época do Ensino Médio, e sua prima Juleide, meus interlocutores privilegiados, passaram gritando: *Vamô, Vamô!* Isto com o som do carro ensurdecedor e cheio de garotos como passageiros do veículo.

Meus interlocutores e “porta de acesso” para as festas promovidas pelas Equipes foram, como já afirmei anteriormente, Juleide e João, os dois são primos e freqüentadores dos bailes funk realizados no bairro. Fui apresentada por eles às Equipes “As Bonitas” e as

³ Usarei nomes fictícios, pois mesmo gostando da prática cultural funk, meus interlocutores não querem ser identificados. Pois, gostar de funk, em alguns casos os remete a estereótipos e estigmas que os prejudicam na vida cotidiana, como por exemplo, na hora de buscar um emprego.

“Malvadas”. Imediatamente minha presença foi questionada pelas garotas já que não sabia dançar funk, não estava vestida com roupas apropriadas (justas e/ou decotadas) e, na medida em que comecei a conversar com os frequentadores e perguntei sobre o baile, levantaram-se suspeitas sobre a minha conduta. Essa foi uma dificuldade que tive que enfrentar e desconstruir, e não foi fácil. Eu era a “outra” no pedaço e pior, algumas vezes vista como agente do governo ou dos policiais que estavam se infiltrando no baile para repressão posterior.

Imediatamente, retornarmos ao carro, mesmo com receio, pois, eram muitos garotos desconhecidos e não conhecia nada sobre aquele mundo que estava prestes a entrar. Apesar de estar um pouco desconfortável com a situação, arrisquei acompanhá-los, confiando nos meus interlocutores. Não sabia o local que me levavam e sempre falavam muito ao telefone mesmo dirigindo. Algumas vezes, dirigindo com velocidade maior do que a permitida para o local. Não nego que tive medo de algum acidente acontecer, mas tudo acontecia com muita alegria, descontração e também muita disputa.

O baile estava acontecendo em frente à uma praça no Jardim Guilhermino. Quando descemos do carro, já poderia contabilizar-se ali quase quinze pessoas, que deram início à festa. Digo, deram início à festa, porque a partir daquele momento, a música “rolava solta” e não parava de chegar gente a pé ou encostando seus carros ao redor da praça. Dois dos carros já disputavam com as músicas altas a atenção do público. Até que um resolveu desligar o volume e deixar uma única música tocar.

Naquele momento, eu somente sorria para as pessoas e escutava atentamente suas conversas. Já tinha acompanhado algumas festas, mas em nenhum momento um início de festa. O começo do evento não parece “ainda” um baile. Os garotos, ainda tímidos, papeiam pela praça, fazem charme para as garotas. Alguns deixaram clara a intenção de “ficar” com alguém, outros apenas se preocupam com o carro, se vai chover ou não, e de como arrumar bebidas.

Aos poucos comecei a perceber os diversos níveis e dimensões da festa, sendo ela construída a cada minuto que se passa. Depois dos primeiros telefonemas, alguns amigos que passam pelo local aderem ao baile. Grupo de amigos que passeavam pelo bairro exibindo seus carros e seu som alto encontram seus pares, descem do automóvel e se inserem na festa. Desse modo, já está dado o palco para o baile.

Após, alguns outros telefonemas, o baile vai ganhando mais adeptos, e o clima de praça vai perdendo espaço para o clima de danceteria. Com um público maior, as garotas já se animam e dançam na rua, umas com as outras, os passos da dança funk. Rebolados sensuais que fazem com que os garotos gritem de alegria e alguns empolgados arrisquem dançar junto. Outros, mais tímidos, só observam. Além disso, a bebida chega junto com os vendedores ambulantes, também moradores da região, que aproveitam as festas para ganhar um “dinheirinho” extra, ou mesmo o próprio comércio de bares, conhecidos como botecos, que ficam abertos até tarde da noite garantindo a bebida da festa.

Do encontro à despedida, os participantes do baile cumprimentam-se com alegria e muita descontração. Utilizam de diferentes dialetos, que compõem seu vocabulário. As conversas que pude presenciar vinculam vários assuntos, como novelas e também família, trabalho e relacionamentos amorosos. Neste sentido, o conceito de sociabilidade, nos ajuda a entender um pouco mais sobre este mundo jovem. A conversação, modalidade básica da sociabilidade, é o elemento mais acionado pelos jovens, sobretudo aqueles interlocutores que estiveram mais próximos durante o trabalho de campo. Heitor Frúgoli, nos ajuda a refletir que

A respeito da conversação, o sociólogo Erving Goffman (1922 – 82) – que aprofundou várias ideias de Simmel na condição de etnógrafo urbano, como se autodenominava – teria comentado que a felicidade ocorre quando os indivíduos se envolvem momentaneamente em tal comunhão mutuamente alimentada, embora num estado frágil e precário que ameaça, a qualquer instante, pender para o seu contrário (FRÚGOLI, 2007: 10).

Neste sentido, para Simmel a sociabilidade é marcada por valores compartilhados, realizados por pessoas que possuem as mesmas posições sociais. No entanto, quando ocorre a troca de valores com as pessoas de diferentes posições sociais, compartilhar valores pode não ser tão agradável e afetivo, como as práticas entre os classificados como “iguais”.

Este conceito empiricamente abordado pela Escola de Chicago passa a ser identificado a partir dos padrões e formas de relacionamentos sob o contexto da interação e do convívio social. O que pode ser observado na minha presença nas festas. Em nenhum momento, passei despercebida no baile, todos que iam conversar com meus interlocutores me cumprimentavam sempre com olhar desconfiado, pela minha forma de vestir, que não era tão arrumada como as outras garotas. Mas, não era só a vestimenta. De modo que ter uma pessoa desconhecida no local, sempre gerou olhares suspeitos dos participantes mais assíduos, pois os bailes são

atividades que geram conflitos entre os moradores do bairro e freqüentemente a policia é chamada, uma vez que o estranho pode ser um perigo em potencial.

Apesar disso, esta foi a minha opção metodológica. Em nenhum momento, minha intenção era me caracterizar de funqueira e sim, acompanhar e buscar um meio de inserção neste local a partir da construção de outro lugar: o da pesquisadora.

Os “bailes” são formados por várias “Equipes de Som” que disputam o “título” de melhor equipe e para isso se apropriam dos equipamentos urbanos do bairro para realizar bailes funk aos fins de semana. Elas se reúnem em um determinado local, nas ruas residenciais, praças e avenidas do bairro e promovem o baile.

A competição é simbólica e de status, em nenhum momento, vi alguma equipe receber algum prêmio material. Eles sempre usam algo que possa representar sua equipe. Usam discursos de disputa, umas contra as outras. Falam da potência do som, da quantidade de garotas que os acompanham, das roupas dos garotos que, aparentemente, custaram muito caro.

II - O baile da Guaraniçu

Os “bailes” observados durante o trabalho de campo ocorrem, algumas vezes, na Avenida Guaraniçu. Mas nem sempre é possível que esses encontros aconteçam no mesmo lugar, devido ao incômodo dos vizinhos com o “barulho”. Desse modo, os jovens são obrigados a trocar de local no bairro para que não fiquem “visados” pela polícia. Motivo pelo qual precisei ampliar os locais de observação da pesquisa, pois os bailes não são fixos, eles circulam por diversos bairros, interagindo e agregando diferentes jovens.

Nesta avenida durante o dia concentra-se a maioria dos estabelecimentos comerciais para os moradores dos jardins Leblon, Centenário, Brasil, Guilhermino e Vermelhão. As atividades cotidianas se encerram entre oito e nove horas da noite. Aos poucos, depois do expediente, a Avenida vai ganhando uma nova dinâmica e tem o seu uso re-significado, transformando-se em cenário privilegiado do baile funk. Esses encontros ocorrem aos fins de semana e sua divulgação se dá pelo famoso “boca a boca”. Raramente se vê cartazes e divulgação mais massiva, isso porque o conhecimento do evento por parte da polícia poderia acarretar em um confronto direto entre os jovens e os representantes da “ordem”.

Quem apenas passa pelos arredores da festa não compreende o que está acontecendo, pois é preciso compartilhar significados específicos para compreender a dinâmica desse acontecimento como uma forma de lazer. Os moradores que não gostam do estilo musical, apenas vêem carros com aparelhagem de som sofisticados, parados na rua, com o volume muito alto tarde da noite, e com muitos jovens reunidos se divertindo “noite a fora”, criminalizam o acontecimento. Esse descompasso de compreensão de significados de lazer entre os jovens de “dentro do baile” e os outros “de fora do baile” causam preconceitos e conflitos entre os moradores.

O baile só tem início quando diminui a movimentação de veículos automotivos na Avenida por volta de meia-noite, posteriormente um dos membros da Equipe para o seu carro abre a parte traseira e aumenta o volume do som, as pessoas começam a chegar e formar turminhas. Os motoqueiros também fazem um show à parte, pois exibem os roncões barulhentos dos motores pela rua e notamos também que alguns garotos passam repetidas vezes de carro pela rua a fim de exibir seu automóvel e quem sabe, assim, conquistar alguma garota, como comentou um dos frequentadores do baile.



Figura 3 – Barraca de bebidas.

A noite vai passando, os jovens dançam, paqueram integrantes de outras “rodinhas”, compram bebidas alcoólicas no comércio local que fica aberto para atender a freguesia. As músicas são repetidas várias vezes e uma delas me chamou atenção, pela crueldade em que é relatada a relação de um rapaz com uma garota se ela “mexer” com ele. Não tive acesso a depoimentos de quem escreveu a música sobre a intenção de escrever daquela maneira. No entanto, é surpreendente, como todos cantam, dançam e ouvem várias vezes a canção. Alguns dias depois soube que se chama Novinha de Mc Martinho (anexo A).

Não há como negar que as pessoas “de fora” que ouvem a canção também se surpreendem com a letra e acabam por julgar a totalidade do baile pelo que narra a música.

Mas parece que isso não importa para os frequentadores. As pessoas dançam qualquer música, como aquelas caracterizadas como “proibições”, as quais apresentam um cunho mais sexual ou mesmo que explicitando a criminalidade.

A música, no entanto oferece também uma chave de acesso a certos significados para as formas de sociabilidade desses jovens. Elas trazem a importância da palavra. Em nenhum momento, eles querem ser ironizados ou ridicularizados. A questão moral entre eles é muito importante. A palavra deve ser muito respeitada e honrada, segundo alguns discursos de meus interlocutores.

Outra música, que toca muito, em todos os bailes de rua que presenciei é a “Pente Escondido.” do grupo Hawaianos. Essa música, segundo meus interlocutores, está fazendo muito sucesso este ano, é “sensação”. Quando toca, a grande maioria canta e/ou dança (anexo B).

A construção da imagem dos integrantes do baile deve ser caracterizada de maneira sempre bem apresentável socialmente, mesmo que em alguns momentos medo e respeito estejam juntos, e respeitar requer saber que a pessoa a ser respeitada participa de algum grupo envolvido com a criminalidade.

Essa mesma avenida foi cenário de diversas equipes, dando, cada vez mais, visibilidade aos encontros. Foram realizados quase dois meses de baile, na mesma avenida. Por um lado, isso pode ser considerado um elemento positivo, pois se tornou ponto de encontro e de identidade dos bailes, mas paralelamente foi incomodando ainda mais a vizinhança, uma vez que cada Equipe buscava surpreender o “público” com sons mais inovadores, de última geração e com o volume ainda mais elevado.

Apesar do “sucesso”, o mesmo baile/avenida foi cenário de briga com a polícia. Nesse dia estava começando a chover e a animação ainda era grande no baile de rua. Avisei meus interlocutores que não ia permanecer naquele dia até o fim porque já não estava muito bem de saúde e, talvez, com a chuva pudesse piorar ainda mais. Fui pra casa lá pelas duas horas da manhã e no outro dia recebi muitas ligações. Parecia ser uma repórter de algum jornal, pois todos no baile que tinham meu telefone me ligaram para contar o que havia acontecido.

Juleide, muito assustada, narrou que as pessoas dançavam e se divertiam quando a polícia chegou atirando bala de borracha e batendo com o cassetete em todos que estavam na frente. Independentemente se fosse mulher, homem, senhores que vendiam bebidas, qualquer

um. Eles me contavam no anseio que eu escrevesse algo no meu trabalho que pudesse ajudar para que a polícia não atrapalhasse as festas e respeitasse o espaço deles.

A maioria das justificativas deles caminhava para ações públicas do governo: “Ninguém faz nada pra gente se divertir, e quando a gente inventa, eles vêm bater em todo mundo. Isso não pode acontecer, néh?” Fui questionada sobre o que eu achava disso, devido a minha posição de estudante, que para alguns deles era sinal de que eu entendia de leis e de direitos. Não soube muito o que responder, pois eles queriam uma posição favorável que lhes permitissem construir um argumento reivindicatório e de defesa.

No entanto, voltei durante o dia na rua em que aconteceu o baile, para tentar conversar com alguns moradores que condenaram aquelas ações. Muitos moradores não quiseram se manifestar sobre o ocorrido por medo de uma represália, outros me questionavam se eu era de algum jornal ou se trabalhava para algum político e queria ajudar e pedir votos depois.

Ainda havia a opinião dos moradores incomodados com o barulho, mas não são todos os que se incomodam com o baile. O conflito era posto não só com os do “lado de fora” do baile, mas também entre os do “lado de dentro”. A festa na avenida que durou dois meses sequenciais e as festas ocorridas na Praça do Marcos Freire, ganharam seus adeptos, “mais velhos”. Muitos trabalham nas festas vendendo bebidas, comidas e até mesmo oferecem serviços de manutenção para os carros.

Outra festa importante é do Conjunto Marcos Freire, onde o número de frequentadores é muito grande e já há uma consolidação do baile no local. Essa é uma particularidade deste baile, pois os demais lidam sempre com a busca de um lugar novo onde possa ocorrer a festa. No Marcos Freire elas acontecem todos os sábados sem falta, e é um grupo fechado que realiza. As outras equipes participam, mas somente como espectadores do baile. O que, nesse caso, também não faz tanta diferença pra eles.



Figura 4 – Praça do Conjunto Marcos Freire.

As Equipes, em qualquer um dos bairros analisados são constituídas por jovens que querem “curtir” e fazer as outras pessoas “curtirem” o estilo musical, mas são também formadas por jovens envolvidos com o mundo da criminalidade, o que nesse contexto é visto como positivo, pois aciona códigos simbólicos e relações de poder, no qual essas pessoas são respeitadas e garantem um status elevado em relação a outros grupos, são invejados por possuírem equipamentos de última geração, pelos carros e são os que mais “pegam” as mulheres mais “gostasas” do baile, conforme nos narrativa de um dos frequentadores.

O desenvolvimento do baile vai ganhando a cada hora que passa mais o “formato” de um baile fechado, devido à quantidade e a aglomeração de pessoas em um determinado pedaço da rua e um elemento importante, chamou-me a atenção: o uso da imagem entre os frequentadores. Muitos tiravam fotos de seus celulares, para registrar aquele momento de alegria. Algumas vezes, solicitaram-me para fotografar a turma. Já que não fazia parte dela, nada mais justo que eu tirasse a foto de todos os integrantes estivessem presentes no local.

III - Fotografia como relação

Certo dia, fui a um dos bailes que ocorriam às sextas-feiras à noite. Era um local fechado, pois durante o dia funcionava uma oficina de funilaria mecânica. Lá, foi a minha primeira experiência como fotógrafa do baile. Sempre ando com a máquina fotográfica na mochila tentando registrar as coisas mais inusitadas e algumas até engraçadas do bairro. Naquele dia resolvi mostrar a máquina e sacar uma daquelas fotos que sempre me solicitavam tirar com o celular de alguém.

Em um primeiro momento, todos estranharam e me questionaram o que tanto eu carregava na mochila em um tom de brincadeira, no entanto, foi um momento de aproximação. Tirei a foto e, com o visualizador, eles me faziam tirar várias vezes a mesma foto até que todos estivessem perfeitos na fotografia.

Comecei a perceber que a foto somente estaria “perfeita” quando a risada estivesse bonita, o cabelo bem apresentável, os olhos bem abertos entre outras coisas. A opção de sair na foto com alguma falha que poderia ser os olhos fechados, a boca aberta, a roupa torta, qualquer coisa que pudesse caracterizar algo de ridículo ou não apresentável, era motivo de apagar a foto e tirar outra.

A partir deste momento, sempre que me encontravam nas festas, perguntavam-me: “você está com a máquina aí?” Com sorrisos, queriam que eu tirasse mais fotos deles, pois o mais importante era devolver as fotos e vê-las todas com legendas nas mídias digitais sociais, como Orkut, Facebook entre outros.

Em uma das festas realizadas na Avenida Guaraniaçu, localizado no Jardim Brasil, fui convidada a sair em uma das fotos. A relação de envolvimento com o grupo já era maior. E eles me solicitaram aparecer em uma das fotografias. Assim, apareci sem compromisso na foto, e em poucos dias apareceu no Orkut, um site de relacionamento social, a tal foto com a legenda, “nossa fotógrafa”.

Muito compartilhei da experiência de pesquisa de Alba Zaluar (2000) que teve seu campo de pesquisa também conquistado através da fotografia. Da sua descrição um elemento foi bastante presente também na minha experiência: a intenção dos moradores de estar bem nas fotos. Contudo diferente da autora, eu não tive em nenhum momento a oportunidade de fotografar crianças. Neste sentido, passei a utilizar a produção de imagens como, nos ajuda a refletir Andrea Barbosa (2006), um método adotado para a pesquisa de campo.

“Há, porém, outra aproximação, segundo a qual essas imagens captadas no processo de pesquisa que são, elas mesmas, objetos de reflexão e análise. Neste último caso, a imagem não é vista como dado empírico objetivo, mas como ponto de partida para uma reflexão conjunta sobre determinados contextos e situações, e podem ou não constituir material a ser incluído no formato final de apresentação de resultados da pesquisa, seja tese, artigo ou relatório. São imagens de um processo e a decisão de expô-las na reflexão final depende das escolhas e dos objetivos do pesquisador”. (BARBOSA; 2006:50).

A partir daquele momento me senti mais presente no grupo. Eles passaram a me perguntar sobre meu trabalho de pesquisa. Todos acreditavam que eualaria mal do funk antes de conhecê-los melhor. Uma das meninas, que pediu para não ser identificada, contou-me que sempre é ofendida pelas outras garotas por ser metida e ficar com qualquer garoto que ela queira, sem compromisso.

Desse modo, não só ela como alguns outros colegas da Equipe passaram a me contar suas experiências no trabalho e na família. Em alguns momentos até conselhos amorosos me solicitavam, já que eu usava uma aliança de compromisso e a minha vida pessoal era alvo de curiosidade.

As experiências relatadas eram diversas e foram mudando, a partir daquele momento, minha visão acerca das festas.

Todos, sem exceção, trabalhavam. Muitos nas fábricas próximas da região dos Pimentas e muitas das garotas eram vendedoras em lojas. Em alguns casos são formados ou estão na faculdade, em cursos de dois a três anos. Eles dizem que precisam estudar para mudar de vida e a maioria para dar uma melhor condição de vida aos filhos.

Algo que me chamou a atenção, e que não é evidente a primeira vista, é o fato de muitos daqueles jovens já serem pais. Algumas garotas com as quais conversei tinham filhos de relacionamentos anteriores e que não deram certo. E os rapazes também tinham filhos, mas não namoravam mais com a mãe da criança. O trabalho era na maioria das vezes para pagar a pensão dos filhos e garantir uma boa roupa para a balada.

Eles sempre exibiam seus pertences como sapatos, tênis e algumas roupas, vangloriando-se de ter condições de comprar roupas muito caras. Mesmo que estas sejam pagas em muitas prestações. O importante era não ser “zuado” na balada. Como o que acontecia comigo em quase todos os bailes. Sempre tinha algum comentário sobre a minha presença lá. Todos os comentários engraçados como: “Até o dia de ir ao baile vem de mochila!”; “Ir ao baile e não saber dançar!; entre outras gozações.

Pude perceber que quando alguém chegava com um tênis novo, ou algum acessório de marca muito cara, todo um sentimento de prestígio era acionado e muitas vezes a conversa do dia era voltada àquele acontecimento.

Pude presenciar uma situação inusitada quando questionaram sobre a minha roupa. Nunca gostei de usar roupas muito chamativas, extravagantes ou mesmo com a marca da loja estampada em letras garrafais. Coloquei isto para eles, dizendo que mesmo que pudesse comprar roupas tão caras não compraria, como uma opção ideológica, política e até mesmo de gosto. Poderia comprar uma roupa cara que não necessariamente possuiria as mesmas características.

No entanto, percebi que eles se sentiram mal e começaram a me dizer que também só compravam porque eram boas e gostavam do estilo. Mesmo assim, este discurso não me convencia. Era clara, a importância das marcas explícitas para se sentirem bem vestidas. Era necessário ter roupas com determinadas características para se sentir bem perante os outros do grupo, o que ajudaria, inclusive, no momento da paquera. Um código simbólico bem presente é que o interesse por uma determinada pessoa aumenta se ela usa roupas caras.

Quando, enfim, comecei a construir laços com os jovens dos bailes, como fotógrafa do evento, os moradores das residências próximas passaram a denunciar os abusos do som alto e coincidentemente presenciamos o desfecho de uma dessas denúncias que culminou com a chegada da polícia e o fim da festa, na verdade com esse baile, pois as Equipes se reorganizam e escolhem outras ruas para darem continuidade aos eventos que promovem. Alguns jovens contaram que eles já passaram pelas Praças do Parque Stella e Parque das Nações.

Esse conflito é, por um lado, causado pelo som alto e o incômodo que causa aos moradores que não participam da festa; mas por outro é também um conflito moral, no qual os jovens são estigmatizados pelos moradores mais aborrecidos com a festa (podendo ser de pessoas mais velhas e até jovens que não curtem o estilo musical) que não reconhecem os bailes como espaço de sociabilidade, mas como desordem e criminalidade. Acabam, portanto, reduzindo essas festas que, apesar de envolver relações com o mundo do crime e da sexualidade, não podem ser vistas apenas por esse ângulo, pois as festas são consideradas pela maioria dos frequentadores como um momento de lazer.

Apesar disso, não podemos compreender os bailes somente como palco de conflitos, muitas equipes promoviam bailes solicitados por moradores de um determinado local para realizar as festas comemorativas da região. Em um dos momentos em que pude participar, uma Equipe fora convidada para tocar em uma das festas chamadas “quermesses” com o objetivo de promover uma festa comemorativa de São João para arrecadar fundos para a igreja local.

Os meninos da Equipe levaram todo equipamento de som, porém, diferente do equipamento dos carros a intenção deles era que as pessoas fossem ao local, sem achar aquilo parecido com o baile funk, e ver como os jovens funqueiros sabem “dar o som”. Neste dia poucas músicas tocadas foram funk, o que predominou foi o “tecnobrega” e os pagodes. Nada parecido com um baile, mas era algo que gostavam de fazer para as pessoas curtirem uma festa.

IV - Festa e criminalidade

A sombra da criminalidade também compõe o cenário do baile na rua. Muitas vezes, fui orientada a não fotografar determinadas pessoas, veículos ou mesmo caminhar com a máquina fotográfica no pescoço pelo baile, devido à presença de pessoas que não gostariam de ser fotografadas sem um aviso prévio.

Há equipes e grupos de jovens, que quando aparecem nos bailes, possuem um respeito à condição social que o indivíduo se encontra, pois são envolvidos com a criminalidade. O grupo é sempre exaltado e “invejado” por alguns frequentadores do baile, que enaltecem suas ações de forma positiva. A cada praça ou rua em que acontecia o baile, a equipe exaltada pertencia aquele bairro. Isso é um fator importante. Nenhuma equipe entra na vila do outro, sem ao menos conhecê-los.

O termo vila surgiu durante as conversas e entrevistas e notei que nas falas de meus interlocutores que o termo “vila” era utilizado para falar sobre o local em que moram ou para se referirem a pessoas que moram no bairro. “Aquele cara é da minha vila!” Muitas vezes me perguntavam, “Você é da vila”?

Neste caso, o conceito de “pedaço”, apresentado por José Magnani (2003), nos ajuda pensar na importância da identificação social e local das pessoas no baile, que não apenas se conhecem, mas se re-reconhecem enquanto membros de uma rede social com base no espaço territorial.

Segundo, Zygmunt Bauman (2005),

“Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e “identidade” não têm solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – a e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN; 2005: 17)

Um dos interlocutores, ao ser questionado sobre o uso do termo, tentou me explicar que “Aqui no baile, ninguém mexe com os caras lá da vila não!”. Constituem, entre si, códigos simbólicos de identidade e pertencimento, no qual determinam ações dos sujeitos em locais específicos. Essas diferenças de “bairros” são fundamentais, pois a partir do termo

“vila” se encontra fluxos de identidades e alteridades construídas pelos jovens no baile e, sobretudo, no bairro.

É importante destacar, como nos inspira a pensar Juarez Dayrell, que o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil (DAYRELL: 2002).

Além disso, vimos que os bailes funks nas ruas dos Pimentas demonstram que o cenário urbano é muito mais que um agrupamento de edificações, pois eles re-significam o espaço da rua, da praça ou da avenida, ganhando uma nova dinâmica durante a noite e assim participando do processo de construção de identidades desses grupos juvenis .

Nas últimas semanas de trabalho de campo, a dinâmica dos bailes estava passando por um processo de modificação de suas atividades. Os bailes estavam sendo organizados em locais “fechados”, em alguns casos, para evitar o conflito com os moradores. Digo “fechados” porque mesmo promovido por uma equipe, em um lava rápido ou mesmo em algum centro comercial de carros ou de lojas, era preciso que o espaço interno fosse grande. Mas isso não significa o abandono dos bailes nas ruas, pois muitos jovens ficavam do lado de fora do salão curtindo o som. Acredito que por estar fora do salão, o espaço de visão entre as pessoas é maior. Eles podem aumentar a possibilidade de encontrar os amigos e visualizar melhor a paquera.

Sendo assim, percebo que os bailes são uma forma de lazer protagonizada por jovens moradores da periferia que vão aos bailes para trocar experiências, ideias, afinidades, encontrar amigos e quem sabe futuros “ficantes” e namorados. São, em alguns casos, a ocupação do tempo livre, para os jovens que desde cedo se inserem no mundo do trabalho e um espaço que dota de um sentido específico à vida nos bairros periféricos marcados nas imagens estereotipadas, sobretudo, pela “ausência”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intenso trabalho de campo realizado possibilitou aprofundar várias questões, principalmente quando se trata os estudos urbanos no Brasil, onde a desigualdade, conflitos e violência são sempre temas presentes nas pesquisas na cidade.

A partir da busca por diferentes formas de lazer, protagonismos e manifestações de sociabilidade no bairro, pude observar que o uso cotidiano da rua simboliza experiências significativas de apropriação do espaço urbano. E estas interações nos fazem perceber que são as práticas sociais que dotam de significados ou re-significam os espaços mais variados do bairro, combinando a ausência de equipamentos públicos com soluções criativas para o espaço urbano, como fazem os grupos de jovens que compõem Equipes responsáveis por organizar o baile.

Realizar essa pesquisa, viver e conviver neste universo pesquisado exigia de mim como pesquisadora um grande esforço de ir contra o senso comum e aos estereótipos. Mesmo sendo moradora da região foi preciso realizar um distanciamento e uma aproximação metodológicos para dar conta de compreender o contexto proposto. Este esforço mostrou-me a especificidade que tem o funk na periferia de Guarulhos, que não necessariamente obedece a regras, mas se recria a partir de uma única intenção: Ser uma forma de lazer, e em alguns casos, de aproveitar o tempo livre para jovens que desde muito cedo estão inseridos pelo mercado de trabalho formal ou informal.

Os bailes funks, se apresentam como uma grande rede social de interação desses jovens que se relacionam mediante a gama de possibilidades oferecidas pelas estratégias de sociabilidades por eles mesmos construídas.

Se meu problema inicial era identificar o uso e a apropriação dos espaços públicos em um bairro “periférico”, pude compreender que, talvez, minha escolha pelo funk tenha sido apenas uma das várias possibilidades. Muitas outras apropriações podem ser encontradas neste contexto. No entanto, escolhi o funk por ser considerado polêmico e conflituoso, até mesmo para um bairro periférico, que seria um lugar, segundo uma visão de fora, onde todos gostam de funk e são estereotipados por isso.

A juventude é considerada nesta pesquisa como uma condição de ser na vida e não necessariamente uma faixa etária. Nos bailes funks há diversas faixas etárias, encontrei jovens de quarenta a doze anos presentes por lá, ou seja, indivíduos que curtem viver nesta condição

juvenil, partilhando os mesmos gostos. Mesmo aqueles considerados adultos, pais de família, circulam pelas entranhas do baile, jogam bola na rua ou empinam pipa. Nestes casos, ser jovem não é ter quinze anos, ser jovem é compartilhar uma condição juvenil que vai além dos limites físicos, acompanhando as atividades dos próprios moradores com a sua vida no bairro.

Há muitas juventudes expressas no bairro. A política acompanha diretamente a vida dos moradores. Acompanhei diferentes movimentos organizados que buscam melhorias para a Juventude do bairro. A grande reivindicação gira em torno do mercado trabalho e condições de profissionalização para que estes jovens possam competir com outros de fora do bairro. No entanto, há também grandes grupos organizados que lutam por questões voltadas diretamente a educação, a saúde e ao lazer.



Figura 5 – Conferência Municipal da Juventude

Na Conferência Municipal de Juventude, realizada no município, pude acompanhar a disputa política desses grupos em prol destes objetivos. Diferentes grupos jovens apresentavam e discutiam propostas na busca da construção de um Plano Municipal de Juventude.

Políticas para a juventude não são somente voltadas para esse grupo específico, pois envolvem diversos setores da sociedade. Amplas propostas caminhavam para a saúde, educação, mercado de trabalho, moradia e lazer. Nesse sentido, talvez pensar políticas para a Juventude de uma cidade, seria pensar políticas para todos os moradores do município. Pois, seria muito difícil compreender uma política de juventude que não seja também favorável para crianças, adultos e também idosos. Cheguei por muitos momentos a pensar que se falou em algo para juventudes, logo falamos para todos.

Nesse sentido, mesmo se houvesse investimentos públicos na construção de grandes centros culturais voltados ao lazer, o baile funk na rua, talvez, continuasse a existir. Acredito que o baile funk nas ruas não foi algo planejado ou inspirado em alguma outra realização de atividade na rua parecida. Os carros são equipados devidamente à vontade e às condições financeiras do próprio dono do veículo. A exibição destes equipamentos faz parte da festa. A participação dos jovens se dá pelo desejo de compartilhar e realizar trocas. O momento do baile é um momento propício para o namoro, para a exaltação de valores e gostos determinados por cada um. É o local de exibir as roupas, de mostrar o corpo e os mais sensuais passos de dança. É um local para ser o que quer ser e não necessariamente ser o que é.

É o local do desafio, da angústia e da valorização do bem estar, do ego. Todos os elementos necessários são construídos fora do baile para ganhar uma grande dimensão lá. Adaptar o veículo, comprar as mais caras roupas, arrumar os cabelos e as unhas, cuidar da pele e colocar as roupas do seu estilo próprio é algo construído para além das fronteiras do baile.

O baile, neste caso, só existe na rua também porque toda a mobilização para sua criação vem da própria condição juvenil, é uma estrutura que faz sentido na vida desses jovens, que mobilizam diversos elementos, atribuem significados antes mesmo de seu acontecimento concreto nos finais de semana. A preparação para o baile é anterior a ele, e graças a isso há a possibilidade de sua existência, pois os elementos acionados por esses jovens são carregados de simbolismo, status e pertencimento. São compartilhados antes, durante e depois dos bailes. Estes elementos são desejados por essas pessoas.

Todavia, tudo é muito dinâmico, o baile tem seu papel fundamental para paquera. Muitos que começam a namorar lá passam a se organizar para curtir espaços de lazer fora do baile, pois não necessitam mais mobilizar tantas questões dentro do baile, mas, agora, fora outros elementos serão acionados em novos contextos. Estando numa relação amorosa estável, parece que a necessidade passa a ser o convívio com uma única pessoa, e muitos só retornam ao baile, quando ficam solteiros novamente. Claro, que há exceções.

Ao longo deste ano de pesquisa algumas mudanças ocorreram. Muitos bailes agora ocorrem pelo bairro em locais “fechados”, ou mesmo em bares e outros setores que promovem as festas, pois é um evento lucrativo e sempre com um número significativo de pessoas. O baile funk carrega consigo inúmeras significações que independem do lugar que ele seja realizado, o que está presente é uma condição juvenil, uma predisposição para o lazer

e para a construção de sociabilidades. A música toca “ninguém fica parado” e o dinamismo da paquera, da disputa e do conflito é constante.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Helena Wendes. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Scritta, 1994.
- ADÃO, Kleber do Sacramento. “Contribuições de Nobert Elias e Eric Dunning para a teoria do lazer”. In: **A Obra de Nobert Elias**. Revista Conexões n.5, Dez. 2000.
- ALVES, Julia Falivene. **Metrópoles: Cidadania e qualidade de vida**. São Paulo: Moderna, 1992.
- ANDRADE, Rosane. **Fotografia e antropologia: olhares fora - dentro**. São Paulo: Educ, 2002.
- ARANTES, Antonio. *Paisagens Paulistanas*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- ARAÚJO, Fábio Salgado. “Espaços de resistência da juventude pobre: os bailes funks na cidade do Rio de Janeiro”. Disponível em www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=1056. Acesso em: 30/11/2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BARBOSA, Andréa e CUNHA, Edgar Teodoro. **Antropologia e imagem**. São Paulo: Zahar, 2006.
- BICUDO, Hélio. **Guarulhos: Formação de uma metrópole**. São Paulo: CDH, 1998.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.
- CAMARGO, Luiz O. Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARMO, Paulo Sérgio. **Culturas da rebeldia: a juventude em questão**. São Paulo: Senac, 2001.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2 Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CYMBALISTA, Renato. “O lugar onde as pessoas chegam antes da cidade” in: “**Periferia**” *Sexta Feira*, São Paulo: Editora 34, v. p. 44-51, 2006.
- DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1997.
- DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002.

- _____. **Juventude e produção cultural na periferia de Belo Horizonte.** Disponível em <http://www.fae.ufmg.br:8080/objuventude/textos/ARTIGO%20GODOY.pdf>. Acesso em: 10/09/2010.
- _____. **O Jovem como sujeito social.** Disponível em www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/n24/n24a04.pdf. Acesso em 11/09/2010.
- DUBOIS, Philippe. **O Ato fotográfico e outros ensaios.** Campinas: Papirus, 1993.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular.** São Paulo: Perspectiva, 1976.
- _____. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo: Perspectiva, 1979.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia.** São Paulo: Cosac Naif, 2004.
- FRUGOLI JUNIOR, Heitor e ANDRADE, Luciana Teixeira e PEIXOTO, Fernanda Arêas (orgs). **A Cidade e seus Agentes. Práticas e Representações.** Belo Horizonte: Edusp, 2006.
- FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **Sociabilidade Urbana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- GEERTZ, Clifford. "O dilema do Antropólogo entre 'estar lá' e 'estar aqui'". IN: **Cadernos de campo.** São Paulo, v. 7, n. 8, p. 205-238, 1998.
- _____. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. **O Saber Local.** Petrópolis: Vozes, 1998.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1985.
- GURAN, Milton "Fotografar para descobrir, fotografar para contar" IN: **Cadernos de Antropologia e Imagem.** Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 155-165, 2000.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco.** São Paulo: Hucitec, 2003.
- _____. Os circuitos dos jovens urbanos. São Paulo: **Revista Tempo Social,** v. 17, n. 2, p. 173-205. Nov. 2005.
- _____. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. **Cadernos de História de São Paulo 2,** jan/dez 1993, Museu Paulista- USP.
- _____. O pedaço das crianças. **Revista E,** SESC, 2007.
- _____. **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade.** São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- _____ e LUCCA, Lilian (orgs.) **Na Metrópole.** São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". **Revista Brasileira de Ciências Sociais,** São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.
- _____. "O (bom e velho) Caderno de Campo". São Paulo: **Hedra,** v. 1, p. 8-11, 1997.

_____. **“O lazer na cidade”**. Disponível em <http://www.n-a-u.org>. Acesso em: 10/09/10.

_____. "Trajetos e trajetórias- uma perspectiva da antropologia urbana" IN: **Sexta Feira**, São Paulo: Editora 34, v. p.30 – 43, 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lazer e Sociedade: múltiplas relações**. Campinas: Editora Alínea, 2008.

PLANO MUNICIPAL DE ASSISTENCIA SOCIAL (2009 -2012). Disponível em http://www.guarulhos.sp.gov.br/plano_mun_ass_social/site_social/inicio.html. Acesso em 03/10/2010.

RODRIGUES, Fernanda dos Santos. **“O funk enquanto narrativa: uma crônica do cotidiano”**. Disponível em www.bdtd.ndc.uff.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1306. Acesso em: 10/09/2010.

SÁ, Bárbara Cristina. Pimentas e suas imagens: **Estudo sobre a construção vivida e simbólica do espaço urbano de um Bairro "periférico" da cidade de Guarulhos**. Relatório de Iniciação Científica. Fapesp, 2009.

SANTOS. C. N. e VOGEL, A. (coord.) - **Quando a rua vira casa**. São Paulo, Projeto, 1985.

SANTOS, Carlos José Ferreira. **Identidade Urbana e Globalização. A Formação de múltiplos territórios em Guarulhos – SP**. São Paulo: Annablume, 2006.

SIMMEL, G. - A Metrópole e a vida mental. In Velho, O. G.(cord.), **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1987.

VELHO, Gilberto. "Observando o familiar" IN: **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, Gilberto e KUSCHINIR, Karina (org.). **Pesquisas Urbanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Galerias Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. "Paradas do Sucesso Periférico" IN: **Sexta Feira**, São Paulo: Editora 34, v. p. 19– 29, 2006.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (orgs.). **Um século de Favela**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

ANEXOS

Anexo A – *Letra da música “Novinha” do MC Martinho*⁴.

Se liga só, deixa eu da o papo, papo do mc martinho
 Eu vo abri meu coração pra tu, só que se debocha
 Se vacila, é o seguinte, é o seguinte novinha
 Novinha vê se não mexe comigo
 Que meu estilo é neurótico
 O que corre em minhas veias e sangue bandido
 É por isso que eu digo novinha
 Não mexe comigo não ...

Eu vim te falar do meu proceder
 Descubra você todo meu sentimento
 Mais se debocha vou logo avisar
 Que duas pistola e meu fundamento
 É melhor não falta com respeito
 Suja o meu nome perante a favela
 Que eu te deixo esticada no chão
 Do tiro na sua mão e quebro suas pernas
 Eu vou ti levar pro microondas mais antes eu rasgo
 Seu corpo na bala
 Pra família te reconhecer, só mesmo no exame da arcada dentaria .

É por isso que eu digo novinha
 Não mexe comigo não.
 Novinha vê se não mexe comigo
 Que meu estilo e neurotico
 O que corre em minha veias e sangue bandido
 É por isso que eu digo novinha
 Não mexe comigo não”

⁴ Disponível em <http://letras.terra.com.br/mc-martinho/1671335/> Acesso em 09/09/2011.

Anexo B – *Letra da Música “O Pente Escondido” do grupo funk Os Hawaianos.*

Eu vou ser sincero,
Eu sou comprometido,
O que eu posso te dar mulher,
Só um pente escondido.
Traição é arriscado,
Romance é um perigo,
Um lance é proibido,

Se minha mulher descobrir tô perdido.
Mas se tu falar pra alguém,
Tu vai pagar um preço.
(quero que você se foda)
Te amo antes de ficar,

Quando eu pego eu te esqueço.
Nós fugueta e mete o pé,
Fugueta e mete o pé,
Fugueta e mete o pé,
Tá comigo porque tu quer.

Nós fugueta e mete o pé,
Fugueta e mete o pé,
Fugueta e mete o pé,
Tu gosta disso né mulher.
Fuguetada arriscada,
Fuguetada proibida,
Fuguetada escondida,

Tem pra tu tem pra tua amiga.
Fuguetada arriscada,
Fuguetada proibida,
Fuguetada escondida,
Se minha mulher descobrir ...
Olha lá em mulher!⁵

⁵ Disponível em <http://letras.terra.com.br/os-hawaiianos/1732366/>. Acesso em 09/09/2011.